Ano XXII — Lisboa, Junho de 1966 — N.º 254

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

Alguns dos Problemas do Desporto

No nosso país, a maior parte da actividade desportiva deve-se ao trabalho desenvolvido pelos clubes da especialidade. De entre estes, destacam-se os chamados *grandes clubes,* os quais dedicam simultâneamente a sua atenção a várias modalidades de desporto, com centenas de praticantes, mas em que ao futebol é reservado um lugar de relevo muito especial.

Estas agremiações gozam do favor de muitos milhares de adeptos, cujo concurso para a acção da colectividade se resume, regra geral, ao pagamento das quotas e à assistência aos espectáculos desportivos.

Tais factos demonstram, com evidência, que, entre nós, tudo quanto se relacione com a vida destes clubes tem necessàriamente de se repercutir profundamente nos domínios da educação física, pois ela, a vida dos clubes, interessa não só a um considerável número de praticantes, mas também às grandes massas populares que apoiam essas colectividades.

Pois bem: se pensarmos que a actividade desportiva, a par do desenvolvimento da cultura física, tem também objectivos éticos, como seja o de promover a educação moral cívica, é lícito fazer-se uma ideia do que realmente se está conseguindo nestes aspectos, ao apreciar-se a forma como se processam as relações entre os clubes e entre estes e os próprios atletas.

Nem com boa dose de optimismo se poderá considerar tolerável a forma como decorrem os negócios desportivos. Vejamos: os chamados *grandes clubes,* a que acima já aludimos (e nesta categoria só têm jus a ser incluídos os potentados do futebol), defendem a própria ascendência nos domínios do desporto à custa dos amplos quadros de futebol que possuem, a que chamam, com demasiada desenvoltura, o *material humano*! Tanto nestes clubes, como nos outros de menor projecção, mas em que o profissionalismo já foi implantado, o concurso dos jogadores é assegurado mercê de quantiosos ordenados e gratificações, vencimentos dignos da categoria de fabulosos se os compararmos com os réditos normais do trabalhador comum.

O fluxo pecuniário, originado pelo pagamento das *aquisições* e dos ordenados dos jogadores e ainda dos ordenados dos *técnicos,* leva as finanças das agremiações desportivas a uma situação próxima da ruína, de que, muitas vezes, só logram sair graças à *generosidade* de certos mecenas que contam nas suas fileiras.

Se é deplorável esta situação, ainda mais deplorável é o nível em que se processam as relações entre os próprios clubes e entre estes e os corpos da orgânica desportiva. Muito do que, neste campo, se realiza é feito sob o signo da desconfiança, do facciosismo e da intolerância. Como prova desta afirmação, diremos que, entre outras anomalias, é vulgar, por exemplo, o corte de relações entre clubes. Por outro lado, há árbitros que são colocados na *lista negra* de certas colectividades, a pretexto de não merecerem a confiança dos dirigentes.

Recentemente, o protesto de um jogo decisivo de basquetebol deu azo a que o «Notícias», de Lourenço Marques, publicasse em parangonas: «*O escândalo do ano ou a ten-*

Continua na pág. 3

"SEMPRE PRONTO" E OS SEUS LEITORES

Podemos, desde já, afirmar, que não foi em vão o apelo feito no último número.

O aumento das despesas de edição originou a subida do preço das assinaturas. Esta medida pôs em jogo, como é de calcular, a vida do jornal, porque dependerá da forma como os nossos assinantes reagirem a este agravamento de custo a sobrevivência de «Sempre Pronto».

Embora ainda não possamos afirmar que esteja assegurada a continuação do jornal, encontramo-nos, contudo, em condições de dizer que já recebemos algumas respostas ao nosso apelo, as quais, além da generosidade material com que se concretizaram, são acompanhadas de tão cativantes expressões de simpatia, que nos desvanecem e estimulam a fazer tudo quanto for possível para o prosseguimento da obra.

Entre essas respostas, uma há a que, sem desprimor para as restantes, queremos dar relevo muito especial: a da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, cuja Direcção demonstrou o apreço com que honra este jornal, enviando-nos um donativo de Esc. 500$00.

Outros nossos Amigos dignaram-se manter a sua qualidade de Patrocinadores, o que prova a sua enorme dedicação.

Assim, informamos que, à hora em que estamos a preparar este número de «Sempre Pronto», *já contamos como Assinantes Patrocinadores a Associação dos Escoteiros de Portugal, e os nossos dedicados amigos Srs. Albano da Silva, Amílcar Fernandes, Rev. Eduardo Moreira, Eugénio Ribeiro Nunes, Prof. Dr. João Faria Lapa, Joaquim de Sousa Piscarreta, José Eduardo Pena Ribeiro, Luís Alves Miguel, Luís Garcia Inácio, Luís Simões Aurélio, Manuel Edmundo Morgado de Andrade, Tenente Manuel de Matos e Paulo Maurício.*

Alguns destes nossos estimados Patrocinadores levaram a sua generosidade a enviarem-nos imediatamente a importância da sua assinatura.

Agradecemos que novas adesões se venham juntar às de estes Amigos, num ritmo que nos permita declarar sem sombra de dúvida, que a subsistência de «Sempre Pronto» *está assegurada e é o resultado do forte querer deste núcleo de verdadeiras dedicações que tivemos o privilégio de reunir à nossa volta.*

MENTORES DO DESPORTO

traem a Juventude

Porque é uma manifestação de vitalidade, o Desporto atrai a juventude, que a ele se entrega apaixonadamente, oferecendo-lhe o melhor da sua habilidade, força, destreza e inteligência.

Observado na pureza dos seus ideais, tal como o viram Cobertin, Bernardot e muitos outros dos seus leais servidores, o Desporto é uma excepcional fonte de virtudes, exortando o jovem a elevar-se numa escala de valores lealmente concebida.

Todavia, nos nossos dias, enquanto o jovem continua a procurar o Desporto pelo prazer das práticas desportivas, os seus mentores, os dirigentes desportivos, a maioria dos quais jamais praticou Desporto, servem-se deste e dos seus praticantes para satisfação de vaidades pessoais, imprimindo no espírito dos jovens um pernicioso sentimento sectário, que os divide e transforma as manifestações desportivas em lutas desleais pela conquista final, sem glória para vencedores nem honra para vencidos.

Visando o aumento fabuloso dos seus proventos ou a consolidação do seu prestígio pessoal, grande parte dos dirigentes desportivos de todo o mundo escravizam os jovens praticantes, impondo-lhes regras de conduta excepcionalmente duras e treinos intensos e demolidores, a que só os mais dotados podem resistir. Assim conseguem os campeões que conquistam «records», mas que isolam e enfraquecem os verdadeiros praticantes, aqueles que moldam os seus caracteres com o auxílio precioso do Desporto e para quem este vai perdendo, cada vez mais, o seu verdadeiro significado.

São esses mentores que pervertem a ideia do desporto, espezinhando o pensamento de Pièrre Cobertin, segundo o qual *«o essencial é estar presente»*, traindo a juventude que, em vez de se fortalecer moral e fisicamente com o Desporto, se avilta e esgota precocemente ao serviço de *um desporto* que muito se assemelha aos espectáculos que a velha Roma presenciava no seu Coliseu.

Dão-nos a imagem flagrante dessa depravação alguns clubes desportivos, onde se desencadeiam paixões mesquinhas e os homens fazem tábua rasa de pontos de honra, tendo como único alvo despertar sobre si as atenções do meio social a que pertencem, para satisfação de inconfessáveis vaidades.

Em Portugal, onde o sectarismo desportivo tem fundas raízes, o problema avoluma-se com a falta de recintos para práticas desportivas, pois os que existem nem sequer são suficientes para a preparação dos elementos que visam conquistas e trofeus.

Assim, os jovens que não sentem dentro de si a chama dos campeões, são afastados, ou ausentam-se, por falta de ambiente, das práticas desportivas e deixam-se absorver pelas ondas fáceis do relaxismo que domina os nossos dias.

Agora que as Entidades competentes esquematizam um conveniente programa desportivo para o nosso País, é de desejar que esse programa incida principalmente numa formação da mentalidade desportiva dos jovens, procurando que toda a juventude beneficie da salutar prática do Desporto, sem preocupações de *«élites»* ou *foras de série*.

Se assim se proceder, entraremos na boa senda por um Portugal mais forte e os campeões não deixarão de surgir a seu tempo.

Pelo menos, os campeões das boas maneiras e dos sãos princípios não faltarão.

M. G.

O PARQUE E AS MELGAS

É voz corrente que a zona da Costa da Caparica sentirá este ano as consequências desastrosas da ocupação maciça da praga de melgas que há alguns anos ali habitam e se reproduzem em ritmo sempre crescente, não obstante as desinfestações que anualmente ali fazem as respectivas entidades sanitárias, ainda que tarde e um tanto superficialmente.

A par das calamitosas investidas do mar, que vai destruindo a maior praia do nosso País, numa fúria que se repete ano após ano mais violentamente, as melgas estão a tomar lugar de relevo, constituindo uma verdadeira ameaça ao sossego naquela magnífica zona turística, *estância dos pobres* como ouvi chamar-lhe muitas vezes.

As diversas entidades sociais ou turísticas instaladas adentro da mata, estão positivamente alarmadas e têm redobrado de esforços para que os utentes dos seus terrenos, sobretudo os campistas, não sejam grandemente prejudicados pela acção incómoda dos repelentes insectos, mas nem sempre conseguem atingir tal fim.

Ocupantes da zona mais alagadiça de toda a mata, os escoteiros contam-se entre as principais vítimas das melgas, havendo já a lamentar diversos casos com necessidade de intervenção clínica.

Possuindo instalações apropriadas para a prática de actividades de inverno, o Parque de Escotismo da A. E. P. é, todavia, forçadamente posto de parte, mesmo nos programas dos Chefes mais animosos, pois reconhecem ser a actividade ali verdadeiramente impraticável.

Acresce, infelizmente, que tal estado de coisas já se estende por todo o ano, dado que aquele parque, instalado na parte mais insalubre e alagadiça da mata, constitui um verdadeiro viveiro de melgas, já porque ali raramente chegam os efeitos das desinfestações atrás referidas, já porque a A. E. P. não dispõe de fundos para realizar, de sua conta, uma operação sanitária com a pormenorização que tal estado de coisas exige.

Para bem do desenvolvimento turístico da Costa da Caparica impõe-se, portanto, a atenção de quem de direito para que volte a gozar-se naquela região do ambiente de repouso que durante largos anos ali se encontrou.

Em vésperas da realização de mais um Acampamento Nacional, também os Escoteiros gostariam de encontrar no seu Parque o ambiente próprio para o são convívio que o ar livre lhes proporciona, permitindo aos seus dirigentes um trabalho profícuo na preparação de uma parte da juventude portuguesa, que não será a mais numerosa mas é, porventura, a mais integrada num método educativo que visa só e ùnicamente o temor a Deus, o respeito à Pátria e o amor ao próximo.

M. G.

N. R. — *Já depois de composto o presente artigo tomámos conhecimento de que a C. M. de Almada, correspondendo ao pedido da A. E. P., colocou à disposição dos Escoteiros a aparelhagem e o produto desinfectante necessário para se proceder ao conveniente saneamento do Parque da Caparica.*

Oxalá se acabe de vez com o flagelo das melgas.

Já pensou em angariar um novo assinante para «SEMPRE PRONTO»?

Alguns dos Problemas do Desporto

Continuação da pág. 1

tativa de uma espoliação», manobra em que o articulista fazia implicar os dirigentes de órgãos federativos!

Um jornal de clube encabeça um dos seus artigos com esta elucidativa afirmação *«Árbitros e dirigentes, uma autêntica praga»*. E noutro número: *«Escandalosa parcialidade dos dirigentes da arbitragem»*.

Outro jornal de clube verbera a falta de coragem para resolver *«os problemas que dos campos desportivos sobem, para solução, até aos órgãos directivos e arbitrais»* bem como outras manifestações de baixo desportivismo, que considera *«um errado processo que se vem desenvolvendo por obra e graça de dirigentes sem classe adequada para tais funções sociais»*.

Um outro aspecto que denuncia o carácter dissolvente dos costumes estabelecidos no mundo do desporto é o ambiente em que são disputadas algumas das suas provas.

É também num jornal de clube que se lê uma formal condenação de um procedimento agora adoptado por certos indivíduos que oferecem milhares de escudos aos jogadores de um clube, que por acaso não é o desses generosos doadores, para ganharem os jogos que vão disputar com outros clubes, rivais daquele a que pertencem estes estranhos mecenas. E o articulista comenta: *«O mais grave, porém, é que o público adepto do futebol começa a suspeitar da oferta de tais prémios»*, isto porque *«quem oferece prémios para ganhar jogos, também é capaz de os oferecer para perder»*.

O dinheiro é o instrumento a que se recorre muito frequentemente para resolver problemas e para evitar que os jogadores não se interessem suficientemente pela defesa das suas cores, o que denuncia uma atitude estranha e difícil de compreender. É desnecessário tecer comentários às consequências de um tão insólito procedimento.

Outro sintoma desta moléstia é a verdadeira alucinação com que, no final das épocas de futebol, os dirigentes das agremiações desportivas se lançam na perseguição das famosas *trutas*, assim se denominam, na gíria desportiva, os cobiçados ídolos do futebol. No frenesim desta corrida, os azes da bola são disputados por qualquer preço, esbulhando-se dos seus elementos mais representativos, em favor dos *gloriosos* potentados do mundo da bola, os clubes mais desprovidos de meios pecuniários, que assim ficam condenados à mediania e à estagnação.

De muitos outros exemplos da falta do mais elementar espírito desportivo se poderia lançar mão para provar a sanha com que as turbas desejam a vitória das suas cores, a terrível epidemia da *campeonite*, como alguns já se atrevem a denominar essa neurose colectiva.

Não se julgue, porém, que, ao enveredar por estes caminhos, o espectáculo do futebol se tenha, de alguma forma, valorizado. Muito pelo contrário, transformadas as turmas de profissionais em verdadeiras máquinas de jogar, acabam por oferecer um espectáculo cada vez mais descolorido e falto de beleza, bem como destituído de qualquer apontamento de conteúdo humano.

A que extremos poderá levar tal estado de coisas? Terá chegado a ocasião de se iniciar uma obra de saneamento das actividades dos clubes de desporto?

É certo que há entidades a quem compete, de uma forma particular, adoptar as medidas apropriadas para obviar a este mal. Contudo, julgamos não ser justo limitar-nos a aguardar passivamente que outrem faça tudo aquilo que cada um de nós pode, desde já, começar a realizar.

A questão é grave, sem dúvida, porque, como acima dizemos, a toxidade na vida das agremiações pode vir a subverter grande parte da actividade desportiva do nosso país.

Se outra coisa não nos for dado empreender, seja ao menos a enunciação do problema o toque de alarme para o despertar das consciências, a fim de que se vá tomando conta das proporções da obra que urge realizar.

Joel Ribeiro

N. da R. — Sob o título «Os Mentores do Desporto traem a juventude» publica-se neste mesmo número de *Sempre Pronto* um trabalho da autoria do nosso Redactor Principal Mariano Garcia, em que faz também pertinentes considerações sobre anomalias verificadas na actividade desportiva.

O facto de dois dos nossos colaboradores versarem temas relacionados com a actividade desportiva, não resulta de qualquer prévia combinação — que não houve — mas, sim, da gravidade e actualidade de que se revestem os problemas abordados, cuja resolução exige uma imediata e enérgica intervenção das entidades competentes.

Já enviou a nova assinatura a «SEMPRE PRONTO»?

«Posto de observação»

GRATIDÃO

De entre as mais fortes e antigas dedicações com que a A. E. P. conta, está, sem dúvida, a prestigiosa Associação Cristã da Mocidade, que fundou dentro de si o primeiro grupo de escoteiros de Portugal metropolitano, grupo esse que ainda ali se mantém, continuando a receber da A. C. M. verdadeiro carinho paternal.

O grupo n.º 1 dispôs sempre, sem restrições, do apoio valioso da A. C. M. e a própria A. E. P. ali tem encontrado, ao longo dos anos, uma colaboração inestimável.

Numa época em que os homens, e até as colectividades, olham apenas os seus interesses particulares, quando já são raros os gestos altruístas e desinteressados, quando se assiste ao escorraçar de um grupo de escoteiros por uma entidade espiritual com sérias responsabilidades morais junto dos jovens, não é demais realçar a dedicação consagrada pela A. C. M. ao Escotismo, agora mais uma vez posta à prova ao considerar a situação do Grupo de Escoteiros no conjunto das suas novas instalações, dotando-o com uma excelente sala para sede, isto sem pôr entraves à utilização, quando necessário, das próprias instalações da Associação.

A tudo isto podemos juntar a recente manifestação pública da satisfação dos dirigentes da A. C. M. por colaborarem com o Escotismo, considerando-o e prestigiando-o.

Os escoteiros sentem com profunda gratidão o carinho que lhes dispensa a A. C. M. e olham-na com muito respeito e admiração.

Do meu modesto «Posto de observação» inclino-me respeitosamente perante a obra valiosa da A. C. M. em prol da juventude portuguesa e saúdo-a reconhecidamente por tudo quanto tem feito pelo Escotismo.

M. G.

DOS AMIGOS «DE SEMPRE PRONTO»

CASAMENTO

Em 18 do corrente, em Campo Maior, realizou-se o enlace matrimonial da Senhora D. Maria Beatriz da Encarnação Teixeira com o nosso estimado amigo Sr. António da Encarnação Amêndoa, antigo escoteiro do Grupo n.º 94.

Aos noivos, endereçamos sinceros votos de muitas felicidades.

UM PERIGO A EVITAR

Os incêndios nas matas e pinhais

A época estival do ano passado foi infelizmente assinalada por numerosos incêndios que devastaram alguns dos nossos melhores pinhais. O facto é muito lamentável, não só pelos perigos que correm as povoações cercadas por zonas florestais, mas também porque tais desastres causam prejuízos graves e irreparáveis à nossa economia. Para nós, Escoteiros, a perda das nossas matas e bosques é motivo de muita tristeza, já que desde novos nos habituámos a admirar e proteger a árvore, que tanta beleza traz aos campos onde se desenrolam as nossas actividades.

Por todas estas razões, o Escoteiro terá a preocupação de vigiar a segurança das nossas matas e pinhais sempre que neles transitar ou usufruir os benefícios das suas acariciantes sombras. Convém, para isso, conhecer a forma de prevenir e evitar que o fogo irrompa e exerça a sua nefasta acção.

O verão é essencialmente a época perigosa. As ervas, o restolho ou a caruma estão completamente secos e qualquer imprevidência é suficiente para que as chamas se estendam e alastrem pelo tapete seco que cobre o solo.

O CIGARRO — O GRANDE CRIMINOSO

O cigarro está geralmente na origem de muitos desses fogos. O fósforo ou a ponta de cigarro, ainda acesos, que se lançam ao chão descuidadamente, são suficientes para atear um grande incêndio. Começam por originar um pequeno foco, que ràpidamente se propaga, e em breve todo o bosque é pasto das chamas. O Escoteiro nunca deve permitir que se pratique, onde estiver, tamanha imprevidência. A sua intervenção deve ser cortês mas firme, aconselhando os imprevidentes a não praticarem tal descuido, ou limitando-se a apagar o cigarro ou o fósforo se não for conveniente outra atitude.

PEDAÇOS DE VIDRO — OUTRA CAUSA DE FOGOS

Aqueles que buscam as sombras das nossas matas para descansar e tomar refeições, não sabem muitas vezes utilizar tão útil privilégio. Não só conspurcam esses lugares com toda a sorte de detritos, como dão origem a incêndios. Os restos de vidro, especialmente das garrafas, que são abandonados nesses locais, podem ocasionar fogos. O sol atravessa esses vidros, que, concentrando o eixo dos raios solares, actuam como uma lente e vão provocar o fogo no restolho ou noutro material inflamável.

LANTERNAS, FARÓIS E FOGUEIRAS

Devem também ser manejados com muito cuidado os faróis ou lanternas de iluminação. Qualquer fagulha pode originar um fogo. Outro tanto, se deve dizer das fogueiras, que não devem ser feitas nos pinhais, senão em casos especialíssimos e só por quem tenha conhecimentos que lhe permitam fazê-lo. Os Escoteiros conhecem as precauções a tomar sempre que têm de fazer qualquer fogueira e sabem os modelos a empregar consoante o terreno onde a mesma é feita. Há, no entanto, precauções que devem ser tomadas em todos os casos: A fornalha ou fogueira deve ser feita longe de qualquer árvore, devendo o chão em volta ser limpo de toda a erva ou folhas secas. O fogo é constantemente vigiado por um responsável — o fogueiro — que tem ao seu dispor água, uma pá e terra. Qualquer fagulha que salte será logo apagada. Se, porventura e apesar de todos os cuidados, surgisse um princípio de

Continua na pág. 7

«Patrulhas Piloto 66»

Decorre com assinalável interesse o concurso interpatrulhas da A. E. P. — cuja 1.ª fase está já concluída — verificando-se com satisfação que um bom número de patrulhas correspondeu com entusiasmo à iniciativa da Chefia-Geral.

Verificou-se a inscrição de um total de 25 patrulhas, número que, não sendo famoso, representa um índice de entusiasmo ao nível dos grupos e um desejo de competição das patrulhas que não seria fácil de prever numa observação individual do trabalho dos grupos.

Quanto aos resultados já observados com base nas provas prestadas, verifica-se que, a par de patrulhas bem preparadas, com perfeita noção do trabalho a desempenhar no Sistema de Patrulhas, outras há que revelam evidentemente fraqueza, sinal de manifesta falta de preparação que é necessário combater com aplicação e força de vontade.

Não podemos deixar de reconhecer o mérito do concurso «Patrulhas Piloto 66» e a influência que o mesmo poderá ter para uma melhoria do valor individual das patrulhas, com agradáveis reflexos no trabalho dos grupos. Mas torna-se indispensável que os Chefes procurem colaborar com as patrulhas, permitindo-lhes preparar-se eficazmente para o desempenho das tarefas a cumprir com vista à almejada e sempre agradável conquista de pontos.

Damos a seguir a indicação das patrulhas que se inscreveram para disputar o concurso:

Grupo 2 — Veado, Pantera, Cão e Lobo
» 4 — Gato Preto
» 5 — Lobo
» 6 — Galo, Águia e Tigre
» 8 — Falcão, Leão e Tigre
» 14 — Castor e Falcão
» 15 — Cuco
» 16 — Castor e Búfalo
» 17 — Andorinha
» 41 — Castor
» 44 — Lobo
» 52 — Galo e Andorinha
» 60 — Lobo
» 93 — Raposa
» 94 — Águia

No próximo número indicaremos a pontuação das patrulhas no final da 1.ª fase, que já está concluída, mas não totalmente classificada, no momento em que preparamos este número do nosso jornal.

M. G.

PUBLICAÇÕES

«GIL VICENTE E A REFORMA»

O nosso prezado amigo e distinto colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira acaba de publicar um opúsculo com o título que encima estas linhas, onde faz um curioso estudo acerca da influência da Reforma no pensamento e na obra do grande escritor português.

Aconselhamos a leitura deste interessante trabalho, que foca uma das facetas da personalidade de Gil Vicente não muita divulgada.

Interessa-lhe o «SEMPRE PRONTO»?

Mande-lhe um novo assinante!



O Grupo n.º 77, de Faro, comemorou brilhantemente o 38.º aniversário da sua fundação

Em 12 de Junho corrente esteve em festa o Grupo n.º 77 dos Escoteiros de Portugal, por motivo do seu 38.º aniversário. A sede do Grupo, instalada em edifício municipal na Rua Monsenhor Boto, foi visitada pelo Presidente da Câmara Municipal de Faro, Sr. Major Vieira Branco.

O visitante era acompanhado pelo chefe do Grupo, Sr. Mário Martins, pelos Srs. Eng.º João Assis Pacheco, Julião Inácio Pestana e Alberto Capela e ainda pelos Srs. João Trigueiros, delegado no Algarve da Associação dos Escoteiros de Portugal, e José Manuel Pereira, chefe do Núcleo do Sotavento do Algarve, da mesma instituição.

O Sr. Presidente do Município visitou as instalações, inteirando-se do seu estado de conservação e inaugurou uma interessante exposição de desenhos e trabalhos manuais, que constituem provas de classe dos escoteiros.

Seguiu-se uma sessão solene, no salão do clube «O Bonjoanense», gentilmente cedido para o efeito, a que presidiu o Sr. Major Vieira Branco, ladeado pelos elementos directivos já referidos e pelo delegado do «Diário da Manhã».

O Grupo estava presente com todo o seu efectivo, vendo-se muitas famílias dos escoteiros, antigos escoteiros e outros convidados. Não pôde comparecer, por se encontrar em Lisboa, o Sr. Dr. Rocheta Cassiano, presidente da direcção do Grupo. A apresentação dos Escoteiros foi feita pelo Sr. Eng.º Assis Pacheco.

Quando se apresentaram os dez aspirantes, que iam prestar o seu compromisso de honra, foi entoado o hino «Eh lá!». O chefe ajudante do Grupo dirigiu a cerimónia, tendo proferido a Lei do Escoteiro, depois do que as madrinhas colocaram as boinas. O Sr. Major Vieira Branco procedeu à imposição das insígnias aos novos escoteiros, estrelas de antiguidade e outras aos antigos elementos do Grupo, tendo também colocado mais uma estrela na bandeira da unidade.

O Sr. Tenente Fernando Celorico de Almeida, antigo escoteiro, num interessante discurso, trouxe o seu testemunho de quanto a prática da lei do escoteiro tinha contribuído para a sua formação moral.

Seguiram-se as várias demonstrações de trabalhos escotistas, que despertaram vivo interesse.

Igual interesse teve o simulado fogo do conselho.

O Sr. João Trigueiros, como delegado da Associação dos Escoteiros de Portugal, dirigiu palavras do maior apreço aos elementos do grupo.

O Sr. Major Vieira Branco, antes de encerrar a sessão, louvou quanto lhe fora dado observar, incitando a direcção do grupo a não desfalecer no seu entusiasmo.

A festa terminou com o hino nacional, entoado por todos os presentes.

* * *

Sempre Pronto saúda o Grupo n.º 77 pelo seu 38.º aniversário, esperando que novos êxitos e maior progresso assinalem o novo ano de trabalho.

O PAPA

E OS GRANDES PROBLEMAS DA HUMANIDADE

Da recente mensagem enviada a U Thant, secretário-geral da O. N. U., transcrevemos o seguinte passo, que revela o pensamento de Paulo VI acerca de um assunto de grande actualidade:

«O programa de desenvolvimento das Nações Unidas está a combater, cada vez com maior intensidade, a miséria física, intelectual e espiritual e dispõe da vontade para sanar.

«Se isso deve, porém, ser feito, todo o Mundo deve tornar-se sabedor de que a miséria não é só um mal intolerável para a sua vítima, mas também o deve assim ser considerado por todo o homem digno desse nome.

«O homem deve, certamente, ter capacidade para sobreviver, mas devem também ser dados os meios de viver decentemente, como uma pessoa capaz de constituir família e de dar aos seus filhos uma educação satisfatória; essas são as tarefas que pedem o auxílio desinteressado de todos os homens de boa vontade, eliminando todas as diferenças de nacionalidade, raça, cultura, ou religião.»



«SEMPRE PRONTO»

«Causou a mais viva satisfação entre os amigos do nosso jornal, assinantes, colaboradores, agentes, e delegados, a notícia da passagem a mensário do «Sempre Pronto».

«Foi verdadeiramente entusiástico o acolhimento dado à nossa deliberação e estamos muito reconhecidos pelas manifestações de simpatia e aplauso recebidas. Sem desprimor para as restantes, foram-nos particularmente gratas as palavras de ânimo dos nossos Delegados e Agentes Srs. Aníbal Rodrigues Horta, Manuel Tacão Monteiro, Arnaldo Eduardo Couto, Francisco Militão dos Santos e Jacinto dos Reis Moniz Silva».

Tome nota se faz favor:

Sempre que deixa de pagar à primeira apresentação o recibo de assinatura de «SEMPRE PRONTO» causa-lhe um prejuízo, porque os serviços postais de cobrança são caros.

Mande-nos a importância da sua assinatura em selos postais de 1$00 ou em selos fiscais.



Repartição Mundial de Escotismo

Selos postais usados para auxílio do Escotismo entre os rapazes fisicamente diminuídos

A Repartição Mundial de Escotismo patrocina e dá valioso auxílio ao Escotismo chamado de Extensão, ou seja o Escotismo dedicado aos fisicamente deficientes: cegos, surdos, inválidos e outros doentes. O mais interessante é que este auxílio é principalmente obtido pela venda de selos postais usados, que lhe são enviados e oferecidos por todas as associações escoteiras.

Certamente que os Escoteiros Portugueses desejarão também participar nesta tão fácil quanto útil campanha. Os selos devem ser recortados no próprio sobrescrito, sem os atingir sequer na serrilha. Também nunca devem ser arrancados do sobrescrito, o que os inutiliza.

Escoteiros, antigos escoteiros e outros amigos podem enviar as suas ofertas de selos postais usados à Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, Cais Sodré, Lisboa 2, ou à Redacção do «Sempre Pronto», Travessa Vitorino de Freitas, n.º 9, Lisboa, 3, que os encaminharão para a Repartição Mundial de Escotismo, em Otava, Canadá.

Escotismo em Sintra

32.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 93

O Grupo n.º 93 comemorou condignamente o seu 32.º aniversário, com um interessante programa onde se verifica o elevado espírito escotista que orienta aquela unidade da A. E. P., desde há algum tempo a gozar de uma benéfica lufada de ar fresco.

Dias 9 a 12 de Junho — Acampamento na Quinta da Rosa Branca, com a presença de todos os elementos do Grupo e a fraternal companhia dos Grupos 7 e 94.

Dia 12 de Junho — Missa na Igreja de S. Martinho pelo eterno repouso dos escoteiros e amigos do grupo já falecidos.

Dia 24 de Junho — Reunião de confraternização, na Sede, entre dirigentes, escoteiros, famílias e amigos.

«Sempre Pronto» visitou o acampamento, onde apresentou cumprimentos aos dirigentes do Grupo por mais um ano de vida, e teve o prazer de verificar o óptimo trabalho que ali se está a realizar, com o esforço conjunto dos elementos directivos e amigos do Grupo, que vai dando lentos mas satisfatórios resultados.

Como nota de reportagem não queremos deixar de manifestar a nossa surpresa pela ausência da maioria dos Grupos de Lisboa de uma actividade de tanto interesse que havia sido largamente divulgada. Foi pena, porque proporcionariam uma boa actividade aos escoteiros e os chefes também teriam algo para aprender.

M. G.

ANTIGOS ESCOTEIROS

REUNIÃO DE TERTÚLIA

Prosseguem com uma normalidade de coisa que já entrou nos hábitos dos «Antigos Escoteiros» as reuniões de Tertúlia, que se realizam ao jantar do dia 23 de cada mês, num restaurante da Rua de S. Paulo, n.º 70, em Lisboa.

A concentração começa a fazer-se cerca das 19 horas, e o jantar prolonga-se até cerca das 22. Trata-se de um restaurante popular, que serve à lista, de forma a tornar-se acessível a todas as bolsas e permitindo a presença dos companheiros que o queiram fazer.

Habitualmente, não há qualquer programa. Os companheiros presentes conversam, fazem tertúlia, num ambiente de boa amizade escoteira. E voltam no outro dia 23.

Experimente o leitor a dar a sua presença no próximo dia 23.

A Assembleia Mundial dos Antigos Escoteiros e o Acampamento Internacional da Amizade realizam-se em Inglaterra de 14 a 20 de Julho de 1967

Conforme já tivemos ocasião de anunciar, a próxima Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros e o Acampamento Internacional da Amizade efectuam-se no próximo ano na Inglaterra. O lugar escolhido foi Durham, no condado do mesmo nome, e a reunião e acampamento efectuam-se no edifício e campo anexo do Colégio de «Venerable Bede» da Universidade de Durham.

A acomodação será feita em quartos individuais de estudantes, mas haverá alguns quartos para casais. Estes quartos serão servidos por boas casas de banho e chuveiros. O número de quartos será naturalmente limitado, mas as possibilidades de campismo serão ilimitadas.

Estão a ser organizadas excursões e os Antigos Escoteiros britânicos proporcionarão a todos os visitantes uma excursão a Edimburgo, capital da Escócia, viagem magnífica que ocupará um dia inteiro.

O custo da inscrição e despesa de acomodação e comida de 14 a 21 de Julho será de £ 14.0.0., o equivalente a cerca de 1.120$00; para aqueles que acamparem, o custo será de 800$00, igualmente com a alimentação incluída.

A inscrição para esta actividade deverá ser feita até 1 de Março de 1967, devendo os interessados dirigir-se à Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

FRATERNAL

Novo Estatuto

O Conselho Nacional, convocado expressamente para o efeito, vai discutir e apreciar o projecto do novo Estatuto da Fraternal, concluído há já algum tempo por uma comissão de companheiros que dedicou àquele trabalho todo o seu interesse e dedicação.

Visita ao Castelo de Almourol

Apesar de ter falhado a projectada excursão ao Algarve, que não se realizou por falta de número conveniente de inscrições, a Direcção da Fraternal continua empenhada em proporcionar aos seus associados actividades de convívio, onde se possam renovar e fortalecer os laços de amizade que nos trazem momentos tão agradáveis.

Assim, está prevista para o próximo dia 3 de Julho um passeio ao Entroncamento e Almourol, com visitas ao histórico castelo e ao Grupo de Escoteiros n.º 84.

A excursão, que utilizará o comboio, realizar-se-á com qualquer número de companheiros.

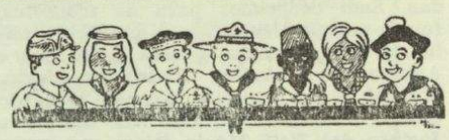
Acampamento anual

A Secção de Campismo, a comemorar 1 ano de actividade, vai promover no mês de Julho mais um Acampamento Anual dos Antigos Escoteiros, o qual terá lugar, como os anteriores, no Parque da A. E. P., na Costa da Caparica.

Dado o êxito obtido com a realização dos acampamentos anteriores, é de esperar que tudo se conjugue para que o próximo exceda o *record* de inscrições alcançado no do ano passado.

A secção de Campismo, por tudo quanto tem feito pela Fraternal, no seu primeiro ano de existência, bem merece ver rodeada a sua iniciativa da carinhosa presença de muitos companheiros.

R.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Um Concurso Internacional Escotista de Fotografia e Pintura

Uma exposição internacional será realizada de 11 a 25 do próximo mês de Setembro, em Arco, uma formosa cidadezinha da Itália, que possui maravilhoso clima e está escondida entre olivedos, próximo do lago Garda.

O objectivo desta exposição é atrair a atenção do público para o movimento internacional dos escoteiros. Nela vão figurar trabalhos seleccionados, os quais poderão ser remetidos, até o dia 27 de Agosto p. f., para a *Secretaria Premi Scouts — Arco (Trento) — Itália*, por jovens amadores de todos os países.

Em fotografia, serão admitidos trabalhos em preto e branco (formato 18 × 24) ou em cores (12 × 18) e diapositivos em cores. Aos melhores trabalhos, será conferido, por um júri, o Prémio Internacional «Arco d'Oro» e outros prémios.

Em pintura, o concurso versará a execução de um quadro, de género tècnicamente livre. Aos melhores trabalhos, um júri atribuirá o Prémio Internacional «Olivo d'Oro» e também vários outros prémios.

Tanto em fotografia como em pintura, os trabalhos terão como assunto o meio ou a natureza onde se desenvolve a vida escotista.

Os organizadores desta exposição estão envidando todos os esforços para que este acontecimento alcance a maior repercussão. Eis uma oportunidade excepcional para os jovens portugueses fazerem valer os seus méritos num certame artístico de além-fronteiras, em ambiente de gente nova e ao nível internacional.

Imprensa Escotista

Strade Aperte, órgão do Movimento de Escoteiros Adultos Católicos Italianos e dos Amigos Escoteiros, é uma excelente revista que publica valiosos artigos sobre temas escotistas e educativos e ainda desenvolvido noticiário do Movimento, ao longo das suas 36 páginas de bom papel.

Iniciámos recentemente a permuta com esta revista, a qual, no número de Março-Abril, insere a seguinte local em referência ao nosso jornal:

> **Março 1966 — n.º 261 — Órgão oficial dos escoteiros portugueses**
> Deste jornal, cremos ter pelo menos podido apreender o sentido de um artigo (ou julgamos tê-lo compreendido) e, portanto, podemos afirmar que o mensário português é profundo de ideias. Particularmente interessante é, segundo nos parece, *Escotismo Ecuménico e Ecumenismo Escoteiro* e interessante aparenta ser a continuação do artigo sobre a vida do *Dr. Alberto Schweitzer*. Cremos ter dado conta, por outro lado, de que muita da temática tratada no jornal em questão é de índole semelhante à do Movimento dos Escoteiros Italianos. Isto significa que os jovens do Escotismo seguem uma comum direcção de marcha, aquela indicada pelo método de B.-P. e, para os Católicos, pelo Evangelho de Cristo.»

Agradecemos a honrosa referência que a categorizada revista nos faz.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DOENTES

Por notícias recebidas do Porto do Sr. Brigadeiro Esteves Pereira, onde se encontra com sua esposa, sabemos que esta, Sr.ª D. Maria Luísa Magalhães Esteves Pereira, tem registado algumas melhoras da sua vista. Sinceramente nos congratulamos com a notícia, desejando que as melhoras se acentuem.

Foi recentemente submetida a uma operação cirúrgica a Sr.ª D. Mariana Fernandes, esposa do nosso dedicado amigo e antigo escoteiro Sr. Amílcar Fernandes. A operação decorreu com inteiro êxito, encontrando-se a doente a caminho de completo restabelecimento, com o que nos congratulamos.

NASCIMENTO

Os mesmos amigos acima citados, encontra-se também de parabéns pelo nascimento de um netinho, o segundo, motivo por que lhes endereçamos as nossas sinceras felicitações, extensivos a seu filho e nora, os nossos amigos Srs. Fernando Ribeiro Fernandes e D. Laurinda Ribeiro Fernandes.

A Basílica da Estrela

Continuação da pág. 8

pedra e vinte e nove anos decorridos sobre o nascimento do Príncipe D. José. Não quis, porém, o Destino que o príncipe visse a inauguração, pois se finara um ano antes. Deste príncipe, de quem muito havia a esperar, escreveu Rocha Martins na sua «História de Portugal»:

«Existia em Portugal um Príncipe amante da Filosofia. Era o herdeiro do trono, casado com sua talentosa tia D. Maria Benedita, e que, correspondendo-se com José da Áustria, punha no seu programa as reformas, o seu prosseguimento de vida nova, entrevista e a alargar-se por toda a Europa. Detestava a Inglaterra, sonhava libertar-se da aliança tal qual existia e, não encontrando na corte os homens indispensáveis para a sua mentalidade, desolava-se, lembrando-se do seu mestre, o erudito Frei Manuel do Cenáculo, Bispo de Beja e amigo de Pombal», e, mais adiante, continua assim o insigne historiador:

«Em 21 de Setembro de 1788, o Príncipe D. José, esse alto engenho que teria salvo Portugal, visto ser um homem além do seu tempo, acabava no Paço da Ajuda, vitimado por um ataque de bexigas».

Estas linhas, que transcrevemos, dão-nos bem a justa medida da envergadura intelectual do herdeiro do trono que a morte arrebatou, aos vinte e oito anos de idade, e em honra de cujo auspicioso nascimento, por voto de sua mãe, se construiu a Basílica da Estrela.

Bom é o educador que sabe encarar as crises de oposição da criança ou do adolescente com serenidade e discernimento, sobretudo sem as classificar de teimosia ou de obstinação. Bom é o educador que sabe passar por cima de toda a «originalidade juvenil», sem ironizar, sem a meter a ridículo, antes sugerindo equilíbrio e orientando para a simplicidade. Bom é o educador que sabe evitar os conflitos com as crianças, numa idade em que dizem «não» e fazem birra a propósito de tudo e de nada, e que sabem desviar-lhes a atenção para aquilo que é capaz de as interessar e acalmar. Bom é o educador que sabe evitar as longas discussões com os jovens e que, cheio de compreensão e de paciência, sabe manter com eles um diálogo sereno, sem divergências. Esse educador saberá, certamente, inspirar confiança e dar o apoio necessário, para que o adolescente, alertado pela contradição do seu próprio ser, se sinta mais seguro e ganhe paz.

Do Boletim «*União Pró-família*» — Março de 1966.

FILATELIA

Coleccionar selos postais é uma distracção educativa, que pode trazer interesse lucrativo

Coleccionar selos postais é essencialmente uma distracção. Todavia, é uma distracção que tem interesse cultural se for feita com verdadeiro espírito filatélico. O coleccionador não se limita a guardar ou arquivar o selo. Deve conhecer alguma coisa acerca do país que o emite e saber qual o acontecimento ou personalidade que o mesmo comemora ou distingue. O selo postal é presentemente um autêntico objecto de arte. O seu desenho é confiado a artistas de muito mérito e os seus motivos têm especial interesse. Portanto, se o filatelista procura compreender o selo e se informa acerca da respectiva comemoração, está cultivando o seu espírito e tomando conhecimento dos mais importantes acontecimentos contemporâneos: congressos, inventos, feiras industriais e comerciais, figuras célebres, factos notáveis.

Além disso, toda a colecção contribui para criar hábitos de ordem, de método, de disciplina. Nada disto, porém, é novidade. O que talvez já possa constituir, pelo menos para muitos, uma autêntica revelação é que coleccionar selos em vez de ser, como se julga, uma distracção dispendiosa é uma actividade lucrativa. Pelo menos, é isso que se afirma num livro que recentemente foi posto à venda em França: *Faire fortune avec les timbres-poste*? (Fazer fortuna com os selos de correio?), de que é autor Olivier Ducassé, com prefácio de Roger Ferri. Trata-se de um volume de 170 páginas, em que o autor afirma e demonstra que se o coleccionar é sempre um prazer, pode vir a representar, num futuro mais ou menos longo, uma apreciável fonte de receita.

Por meio de estatísticas e com o auxílio de um método judicioso, produto de uma experiência de muitos anos, o autor analisa o aspecto financeiro da filatelia, especialmente na parte que respeita aos selos franceses.

Esperemos, portanto, que a Filatelia possa vir a ter maior número de adeptos, conduzindo aqueles que podem ser seduzidos pela ideia do lucro a uma actividade de interesse cultural e educativa.

Porque não em Lagos um Grupo de Escoteiros como o de Faro?

Através do «Jornal do Algarve», de 18 do corrente, foi-nos dado conhecer as comemorações do 38.º aniversário do Grupo de Escoteiros de Faro, e, confessamos, ficámos penalizados por não termos a dita de ver um grupo semelhante em Lagos. Em tempos idos, como temos referido, Lagos teve o seu Grupo, que se extinguiu por ausência de elementos que se dediquem às causas que nos tornam grandes aos olhos do Mundo e de Deus.

De algum tempo para cá, temos alvitrado a reorganização e já conseguimos pessoas de boa vontade para orientarem o futuro Grupo. Porém, a dificuldade de uma casa para sede mentém-se apesar do signatário já se haver comprometido com verba para auxiliar o aluguer.

Quem nos ajuda para que Lagos venha a ter um Grupo de Escoteiros de Portugal digno de tal nome?

Joaquim de Sousa Piscarreta

O 9.º Jambori do Ar

Realiza-se em 22 e 23 de Outubro próximo

Como já é tradicional, vai realizar-se novamente este ano o Jambori do Ar, em que participarão os Escoteiros de todos os países num encontro amigável através da Rádio, actividade interessante que a boa vontade e espírito de colaboração dos Rádio-Amadores torna possível.

A actividade começa às 0 horas de sábado, dia 22 de Outubro, e termina no domingo, dia 23, às 23,59 horas, realizando-se nos moldes habituais.

Os Escoteiros de Portugal irão, uma vez mais, participar neste Jambori.

Os incêndios nas matas e pinhais

Contiuuação da pág. 4

incêndio, NUNCA se lhe voltava as costas. No primeiro momento, o fogo apaga-se com um copo de água; momentos depois não há água que chegue. Cobre-se o fogo com pàzadas de terra, com água, com uma manta, bate-se com ramos de árvores, até se apagar.

Extinta a fogueira, são completamente apagadas todas as brasas, que nunca se deixam acesas nem se cobrem com terra enquanto ardem, porque o lume poderá manter-se e lavrar mesmo debaixo da terra.

FOGO ESPONTANEO

O fogo também pode surgir sem intervenção humana. Dois galhos secos que o vento agita, provocando atrito, podem incendiar-se. Resina de uma árvore demasiadamente aquecida pelo sol pode também incendiar-se. Isto exige muita vigilância. As grandes matas têm homens encarregados de velar pela segurança e espiar os fogos. Os Escoteiros devem ser prestantes auxiliares deste serviço e, onde estiverem, procurarão evitar tudo aquilo que possa originar o fogo. Sempre que apagarmos uma ponta de cigarro, enterrarmos um vidro ou descobrirmos e extinguirmos um princípio de incêndio, podemos ter evitado um grande e grave desastre.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Número 254

O

Junho de 1966

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Pequena Crónica de Lisboa

A BASÍLICA DA ESTRELA

Por **Luís Simões Aurélio**

Reinava D. Maria I, que fizera promessa de erigir, na Capital, um templo, se visse realizado o seu desejo de dar ao Reino um filho varão. A 21 de Agosto de 1761, nascia o herdeiro do trono, D. José, Príncipe da Beira e do Brasil e Duque de Bragança, título este que pertencia sempre ao filho primogénito dos reis. Logo a devota soberana se apressou a dar cumprimento à sua promessa e, escolhido para local da edificação o Monte da Estrela, foi solenemente lançada a primeira pedra em 1771. Todavia, só oito anos após, isto é, em 1779, se iniciaram as obras de construção da nova igreja, que ficaria dominando, lá do alto da sua colina da Estrela, grande parte da cidade, tornando-se bem visível dos mais afastados pontos, até mesmo das bandas do sul, para lá do Tejo.

Soberba edificação, coroada pelo imponente zimbório, quem há, em Lisboa, que não tenha alguma vez contemplado o seu perfil recortando no firmamento a sua silhueta?

Porém, quantos na urbe nascidos, ou vindos de outras terras aqui labutam, ainda se não deram ao cuidado de subir à varanda do zimbório, privando-se, deste modo, de uma das mais belas panorâmicas que Lisboa lhes oferece?

Ide, trepai pela estreita escada que, caracoleando no interior da vasta cúpula, vos conduzirá à varanda situada a cerca de cinquenta metros de altura e, da fadiga da ascensão, se a houver, sereis largamente compensados pelo quadro de luz e cor que a Divina paleta jamais concebeu para regalo do olhar extasiado do visitante. O casario da vasta zona ocidental da cidade, doirado pela poalha duma tarde soalheira, descendo a encosta, vem beijar o Tejo que refulge, sombreando nas suas prateadas águas afastadas, mas bem visível, a formosa silhueta da Torre de Belém, presença dum Passado glorioso e, mais perto, mesmo a nossos pés, essa assombrosa realidade do Presente, sonho de tantos anos, o vulto metálico da Ponte de Lisboa. Alongando o olhar, lá para as bandas do Sul, até onde a vista pode alcançar, desde os azulados contrafortes da Arrábida, aos areais da Costa da Caparica, até para além da Barra, oceano fora, tudo o olhar abraça num amplo, inesquecível amplexo.

Igreja do Coração de Jesus, mais conhecida pela Igreja ou Basílica da Estrela, nome que lhe vem do monte sobre o qual está edificada, deve-se ao risco do arquitecto Mateus Vicente de Oliveira, que não prosseguiu a obra, a qual veio a ser continuada e concluída pelo arquitecto Reinaldo Manuel.

O mais sumptuoso monumento de arte religiosa no Estilo Baroco que se ostenta em Lisboa, traz à mente de quem o olha o Convento de Mafra, tão flagrante é com este a sua semelhança. A construção, no reinado de D. João V, do Convento de Mafra, na vila deste nome, deu origem à formação dum notável escol de arquitectos e escultores, de entre os quais se destaca Machado de Castro, autor da estátua equestre de D. José, erecta no Terreiro do Paço, primor de arte que imortalizou o nome do insigne artista. Escola de Mafra, se ficou chamando a essa plêiade de arquitectos e escultores, sendo desta famosa Escola não só o autor do risco da Basílica da Estrela, mas, também, o seu continuador. Machado de Castro teve papel preponderante na direcção das obras e atribui-se ao seu prodigioso cinzel o baixo-relevo representando o Espírito Santo, conjunto escultórico de delicado lavor que, na fachada do templo, se vê sobre a porta principal.

Coloquemo-nos no Largo da Estrela e olhemos atentamente a fachada, das mais belas dos templos da Capital, no seu já mencionado baroco, é claro, e observemos: cinco largos portões, três dos quais, os do centro, são ladeados por quatro gigantescas colunas monolíticas, isto é, feitas cada de uma só pedra, rematadas por formosos capitéis da ordem compósita. Oito monumentais estátuas, quatro colocadas em nichos e outras quatro, estas magníficas atraindo a atenção de quem as olha, montadas sobre pedestais que encimam as quatro colunas já citadas. Todas estas estátuas, valiosas peças escultóricas, são devidas aos cinzéis dos escultores de Mafra e seus discípulos, a quem se devem, também, as duas mais que decoram o átrio de entrada da igreja.

Um amplo frontão, sobre o qual, o acrotério, nome que vem do grego e que, em arquitectura, se dá ao pedestal que remata o frontão e serve de base a estátuas ou ornamentos e, no caso presente, mostra ornatos de grande efeito arquitectónico designados por Fogaréus, ou Urnas Chamejantes, desenho que se repete nas elegantes torres sineiras e no lanternim que remata o zimbório.

A propósito, e para o leitor mais curioso destas divagações, acrescentaremos que os fogaréus ou urnas chamejantes aparecem em numerosos templos da Capital, edificados após o terramoto de 1755, notando-se, todavia, em maior profusão nas fachadas das igrejas das Mercês e de S. Domingos, esta última poupada pelo incêndio que, em 13 de Agosto de 1959, destruiu totalmente o seu interior.

Penetremos no interior da Basílica. Uma sensação de grandiosidade se apodera do visitante, porém, não daquela grandiosidade anquilosante que nos esmaga pelo pesado, antes pelo contrário, uma grandiosidade de etérea leveza, tal o harmonioso conjunto das suas linhas de admirável concepção. Profusão de mármores de várias cores, iluminados pela luz que amplamente brota dos largos janelões insertos na abóbada do zimbório situado sobre o cruzeiro da igreja, emprestam ao sacro lugar ambiente de repousante meditação. Não cabe, todavia, nos limites desta pequena crónica, que já vai longa, a pormenorizada descrição deste rico templo; não deixaremos contudo de chamar a atenção do leitor para o túmulo, todo de mármore, da fundadora, a Rainha D. Maria I, à esquerda da capela-mor e, nesta, o retábulo esculpido por Machado de Castro e seus discípulos.

Foi a igreja inaugurada a 24 de Outubro de 1789, ou seja dezoito anos após o lançamento da primeira

Continua na pág. 7